



Os fonogramas no Acervo Alceu Schwab: um arquivo pessoal

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

Rogério de Brito Bergold
Universidade Estadual de Ponta Grossa – rogerio.debrito@hotmail.com

Resumo: Dentre os documentos pertencentes ao Acervo Alceu Schwab, este trabalho propõe uma reflexão, segundo a Arquivologia, sobre arquivo pessoal e coleção, tentando situar uma parte deste Acervo – os fonogramas – neste contexto. Constatou-se que este grupo documental fazia parte do cotidiano de Schwab como personalidade musical na sociedade curitibana, como crítico, produtor de programas de rádio e pesquisador da música popular brasileira. Além da atividade auditiva, os fonogramas eram fonte de informação e pesquisa, como observado nas informações manuscritas de Schwab e nos recortes de jornais e revistas inseridos.

Palavras-chave: Arquivos pessoais. Alceu Schwab. Fonogramas

Phonograms in Alceu Schwab Archive: a Personal Archive

Abstract: In the midst of recordings that belong to Alceu Schwab Archive, this paper propose a reflection, according to Archival Science, about personal archive and collection, situating a part of this Archive – the phonograms – in this context. It observe oneself that these musical documents integrated Schwab quotidian activities like musical personality in society of Curitiba, like musical reviewer, radio programs producer and brasilian popular music researcher. Beside hearing activity, phonograms have been information source and research, like it was observed in Schwab' handwritten and newspapers cutting inside.

Keywords: Personal Archives, Alceu Schwab. Phonograms

1. Acervo Alceu Schwab

Alceu Schwab (1924-2004), nascido em Ponta Grossa (PR), graduou-se em Engenharia Química em 1955 na Universidade Federal do Paraná (UFPR), passando posteriormente a docente da mesma universidade. Atuante na área da cultura, tanto na UFPR quanto na sociedade curitibana, publicou livros, artigos em jornais, produziu *jingles*, vinhetas e programas de rádio.

Segundo Aramis Millarch, crítico de música em Curitiba e contemporâneo de Schwab, este último era um “apaixonado pela nossa música popular, colecionando o que de melhor existe há mais de 30 anos; (...) é uma das pessoas que melhor conhece a música brasileira, em períodos e fases bem definidas” (SCHWAB, 1984:1ª orelha). Esta “coleção de mais de 30 anos” resultou num acervo de aproximadamente 6.000 documentos como fonogramas, livros, artigos de jornais e revistas, roteiros de programas de rádio, anotações

pessoais, correspondências, charges, cartazes e gravuras sobre música popular. Esse conjunto documental foi doado, em dezembro de 2005, pela família de Schwab, ao Centro de Documentação de Pesquisa em História (CDPH) do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), que possui outros acervos bibliográficos e documentais.

Emprega-se corriqueiramente o termo “coleção”, como empregado por Millarch no parágrafo anterior, para o ajuntamento de documentos por pessoas físicas; isto pode ser verificado também em Toni, referindo-se a Mário de Andrade como “ouvinte e colecionador” de discos (2004:13). Um dos objetivos deste trabalho é refletir sobre o conceito de “Coleção” e “Arquivo Pessoal” procurando demonstrar que o conjunto de fonogramas do Acervo Alceu Schwab é parte de um arquivo pessoal, segundo a Arquivologia. Como segundo objetivo pretende-se apresentar relatório final da digitalização dos dados referentes a estes fonogramas, ocorrida a partir de 2011. Esta pesquisa teve o apoio da Fundação Araucária.

2. Arquivologia: Arquivo e Coleção

Segundo a NOBRADE (BRASIL, 2006:14-15), **arquivo** é um “conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza dos suportes”; essa definição equivale também para o termo **fundo**. O **produtor**, segundo a ISAD(G) (CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, 2000:14-15), é a “entidade coletiva, família ou pessoa que produziu, acumulou e/ou manteve documentos na gestão de sua atividade coletiva ou pessoal”. Partindo da pessoa ou família como entidade produtora, os termos empregados podem ser os seguintes: 1) “arquivos privados” (BELLOTTO, 1991; VOGAS, 2011); 2) “arquivos privados pessoais” (GONÇALVES, 2007); 3) “arquivos pessoais¹” (CAMARGO, 2009; GONÇALVES, 2007; VOGAS, 2011; TONI, 2007; BELLOTTO, 1991); 4) “arquivos privados de pessoas” (GONÇALVES, 2007); e 5) “arquivos de pessoas” (CAMARGO, 2009:28).

Uma **coleção** é um “conjunto de documentos com características comuns, reunidos intencionalmente”, sendo que a ISAD(G) acrescenta a palavra “artificial” para este conjunto de documentos. Dominguez apud Camargo (2009:31) acrescenta também o caráter “avulso” deste tipo de documento. Além disso, enfatiza-se que um colecionador não deve ser confundido com um produtor; a diferença estaria na intenção, no objetivo em relação aos documentos produzidos/adquiridos pela pessoa. É fundamental para a Arquivologia qual a

função dos documentos, se são “ligados à vida, à obra e às atividades de uma pessoa” (BELLOTTO, 1991, 171):

Se no âmbito dos arquivos públicos é preciso não confundir coleções com fundos de arquivo, na dos privados este cuidado deve ser dobrado. Isto porque muito mais neste domínio é que tal eventualidade pode ocorrer: é frequente que um particular “colecione” documentos por razões que vão desde o gosto pela raridade antiga até o querer possuir – e não apenas consultar – os papéis que pretenderia analisar para elaboração de trabalhos historiográficos. A “organicidade” estaria neste aspecto e não no da produção, o que, positivamente, perde sentido diante da teoria arquivística (BELLOTTO, 1991:169).

O estudo de arquivos pessoais é um estudo relativamente recente, em comparação com os arquivos públicos (GONÇALVES, 2007:10). A Arquivologia originou-se como disciplina no âmbito do Estado sendo que “a definição de arquivo do Manual dos Arquivistas Holandeses, um clássico na área, não contemplava a questão dos arquivos privados e, menos ainda, a de arquivos privados pessoais” (GONÇALVES, 2007:9). Mesmo em tempos recentes, não há consenso sobre os arquivos pessoais serem considerados como arquivos e não coleções. Na França, desde 1949, a documentação privada passou a ser considerada de maneira separada que a pública; porém nos Estados Unidos e na Espanha há resistência em considerar os documentos pessoais como fundo (arquivo), sendo aceitos como coleção (GONÇALVES, 2007:13; VOGAS, 2011:27).

No âmbito da Arquivologia brasileira, poucos trabalhos envolvem o assunto dos arquivos pessoais (VOGAS, 2011:24); na pós-graduação *stricto sensu* em Ciência da Informação (área que envolve a Arquivologia) o número de dissertações não chega a cinco. Curiosamente uma dessas envolve a atividade musical: o arquivo pessoal de Tom Jobim (CRUZ, 2008), onde a autora descreve o arquivo pessoal de maneira geral e especificamente analisa o conjunto de Cadernos de anotações que ele mantinha “na tentativa de organizar seus pensamentos, (...) desde que começou a compor, para evitar perder algo importante” (CRUZ, 2008:89).

Outro trabalho ligado à atividade musical, e que discute processos de criação de compositores a partir de cadernos de anotações, manuscritos, cartas, é o trabalho de Toni (2007), que associa esses documentos com a crítica genética. Também de Toni (2004) é o trabalho que analisa e descreve os discos de música popular do acervo de Mário de Andrade. Ele anotava “nas capas dos discos, suas impressões de audição, ora detendo-se nas obras, ora nos intérpretes” (2004:13). De maneira peculiar, ele substituiu as capas originais – “incômodas para o fichamento” – por outras de cartolina lisa que ele mandava confeccionar,

aonde tinha total liberdade para escrever. “Essas notas muitas vezes foram rascunhos ou primeiros manuscritos da redação de críticas jornalísticas e ensaios” (2004:14).

De maneira similar, Alceu Schwab também rascunhava informações nos seus fonogramas, dos quais apresentaremos um relatório a seguir.

3. Os fonogramas do Acervo Alceu Schwab

O Acervo possui 4.264 fonogramas, sendo 3.479 LPs, 783 CDs e 2 fitas cassette. Os LPs possuem data de 1954 até 1993; já os CDs iniciam em 1986 encerrando em 2003. Ao se iniciar a digitalização² dos dados referentes aos fonogramas, observou-se que Schwab tinha por costume assinar as capas dos discos, seja por extenso ou por rubrica. Ao se constatar isto, nossa principal preocupação foi registrar toda informação manuscrita contida, principalmente nos LPs.

Do total de LPs, 2.568 são assinados (73% do total); nos CDs, 84 (10%). Schwab também tinha por costume por a data (2.281 LPs – 65%; 75 CDs – 9%); esta na maioria das vezes coincidia com a assinatura, aparecendo de três maneiras: ano (1.351 LPs e 54 CDs), mês/ano (809 LPs e 20 CDs) e dia/mês/ano (121 LPs e 1 CD). Uma questão relevante a ser comentada em relação às datas é que na sua grande maioria, o ano manuscrito na capa normalmente coincide com o ano de lançamento ou edição do disco, donde se conclui que ele estava sempre atualizado em relação aos lançamentos. Outra informação curiosa sobre datação está contida no disco *Pantanal Suíte Sinfônica* onde ele escreve “1º disco adquirido em 1991 – 25/1/91”, demonstrando a importância que a datação tinha nestes registros escritos.

Ele também escreve sobre o local de aquisição (130 LPs), normalmente associado com a data completa (dia/mês/ano). Curitiba aparece em 69 LPs; Rio de Janeiro, 31; São Paulo e Ponta Grossa (cidade natal de Schwab), 11. As outras cidades mencionadas foram Roma (3), Blumenau, Londrina, Paris, Poços de Caldas e Porto Alegre (1 vez cada).

Outra informação que Schwab costumava anotar era o que ele denominava de “gentileza”. São 279 LPs, distribuídos por um total de 78 pessoas ou empresas: proprietário de selo, funcionário de TV, radialistas e funcionários de rádios de Curitiba, pessoas ou empresas do ramo fonográfico como dono de loja de discos, divulgadores das gravadoras, compositores, empresas que lançavam discos comemorativos.

Da sua atuação em música, como produtor de programas de rádio, aparece em um LP a seguinte anotação: “as faixas não estão na sequência indicada na contracapa. Verifiquei antes de programar”. Como integrante da Associação dos Pesquisadores da Música Popular

Brasileira há o registro de aquisição de LPs, tanto no 3º (1982) quanto no 4º Encontro (1986) da APMPB, no Rio de Janeiro.

Doados a Schwab, como presente ou dedicatória e sem o termo “gentileza”, tem-se mais 49 LPs e 1 CD. Era uma pessoa conhecida no meio musical; ao ser presenteado com um CD de música cubana, uma possível ouvinte escreveu no cartão de dedicatória: “quem sabe o senhor se inspira nele e faz um programa sobre música cubana?” Em outro CD presenteado por uma cantora, na dedicatória ela afirmou: “Sr. Alceu, agradeço a grande força desta emissora”. Outro detalhe curioso, que demonstra a importância que os discos tinham para Schwab como fonte de informação e pesquisa, vem do fato que 30 LPs e 5 CDs possuem a data de falecimento, anotada por ele, de alguém relacionado ao disco.

4. Documentos inseridos

Foram encontrados 1.329 documentos inseridos nos fonogramas: 1.209 em 678 LPs (19%) e 120 em 74 CDs (9%); é uma média expressiva: 1 em cada 5 LPs e 1 em cada 10 CDs tem um recorte. Em sua quase totalidade são recortes de jornais e revistas, havendo também convites de espetáculo, cartas, ingressos, crachá de jurado, anotações manuscritas e programas de rádio. Os recortes estão relacionados, principalmente, à crítica de lançamento dos discos no mercado, além de alguns noticiarem o falecimento de algum músico relacionado ao disco. A maior quantidade de recortes é do Jornal do Brasil, além de O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, Jornal da Tarde, Gazeta do Povo, O Estado do Paraná e Revista Veja. O período de abrangência dos recortes é de 37 anos (1966-2003).

Não importando se o fonograma era presenteado ou comprado, a presença de recortes revela o interesse pessoal de Schwab em diversos artistas; destacamos os dez deles com maior quantidade de recortes:

ARTISTA	Recortes
Chico Buarque	24
Radamés Gnattali	17
Tom Jobim	16
Trilha sonora	14
Paulinho da Viola	14
Villa-Lobos	12
Noel Rosa	11
Cartola	10
Duke Ellington	10
Elizeth Cardoso	10

Tabela 1: Número de recortes por artista

Observando-se as preferências de Schwab na Tabela 1, nota-se sua predileção em música nacional (oito nomes) e internacional (dois nomes: Trilha sonora³ e Duke Ellington). Quanto aos níveis culturais musicais⁴ tem-se a música brasileira popular⁵ (Noel Rosa, Cartola, Elizeth Cardoso, Paulinho da Viola, Chico Buarque, Tom Jobim), música brasileira erudita (Villa-Lobos, Radamés Gnattali⁶) e jazz (Duke Ellington). Também pode se agrupar os nomes da tabela em música instrumental (Duke, Villa-Lobos, Radamés, Trilha sonora) e os outros nomes que estariam ligados à música vocal/instrumental. Essa amostra de nomes listados na Tabela 1 ilustra o conjunto completo dos fonogramas. Schwab pautou sua discoteca privilegiando a música nacional popular – samba, mpb, bossa nova – e erudita; no âmbito da música internacional, o jazz e as trilhas sonoras são o que predominam.

5. Considerações finais

O que se procurou demonstrar com essa pesquisa foi a importância e significação que os fonogramas possuíam para Schwab, mostrando parte de sua vida cultural, suas atividades profissionais como crítico, produtor de programas de rádio e de pesquisador da música popular brasileira, informações essas obtidas a partir dos seus fonogramas. A partir dos manuscritos dos fonogramas e dos recortes, identificamos sua presença como personalidade musical na sociedade curitibana que se manteve atualizado em relação à produção cultural de seu tempo.

Referências:

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS. *NOBRADE: Norma Brasileira de Descrição Arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos pessoais são arquivos. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, Ano XLV nº 2, p. 26-39, julho-dezembro de 2009.

CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS. *ISAD(G): Norma geral internacional de descrição arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2000.

CRUZ, Gleise Andrade. *De olho na eternidade: a construção do arquivo privado de Antonio Carlos Jobim*. Rio de Janeiro, 2008. 134f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em bens culturais e projetos sociais). Fundação Getúlio Vargas.



GONÇALVES, Martina Spohr. *De procedimentos a metodologia: políticas de arranjo e descrição nos arquivos privados pessoais do CPDOC*. Niterói, 2007. 57f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Organização, planejamento e direção de arquivos). Universidade Federal Fluminense.

SCHWAB, Alceu. *Bibliografia da MPB*. Curitiba: CEFET, 1984.

TONI, Flávia Camargo. *A música popular brasileira na vitrola de Mário de Andrade*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

TONI, Flávia Camargo. A musicologia e a exploração dos arquivos pessoais. *Revista de História*, São Paulo, nº 157, 101-128, 2007.

ULHÔA, Martha Tupinambá. A análise da música brasileira popular. *Cadernos do Colóquio*. Rio de Janeiro: CLA/UniRio, 1999.

ULHÔA, Martha Tupinambá. Pertinência e música popular – em busca de categorias para análise da música brasileira popular. *Cadernos do Colóquio*. Rio de Janeiro: CLA/UniRio, 2001.

VOGAS, Ellen Cristine Monteiro. *Estratégias e possibilidades dos arquivos pessoais frente aos novos usos dos documentos arquivísticos: o arquivo Darcy Ribeiro*. Niterói, 2011. 108f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal Fluminense.

Notas

¹ Utilizamos neste artigo o termo arquivo pessoal que é o mais frequentemente utilizado.

² Para a digitalização das informações, utilizou-se como base o programa MiniBiblio; um estudante de Computação criou um programa, chamada Catalogator, no qual inserimos os dados referentes aos fonogramas: nº da Caixa, nº do disco, ano, título, intérprete, compositor, mídia, número de faixas, duração, produção gravação, idioma, fabricação, distribuição e observações. Em virtude da limitação de tempo, optou-se pelo registro das informações mais relevantes, como a localização do documento no Acervo, ano, título, intérprete e compositor, além das observações manuscritas nas capas dos discos e dos documentos inseridos dentro dos mesmos.

³ São dezenas de fonogramas relacionados a cinema e trilha sonora. Optou-se então pelo nome Trilha sonora para identificar este tipo de gênero musical.

⁴ O termo nível cultural é empregado por Ulhôa (2001:51), podendo ser erudito, popular e folclórico.

⁵ O termo “música brasileira popular” é empregado por Ulhôa (1999), distinto de música popular brasileira, “que na sua forma de sigla (MPB) se confunde com um rótulo guarda-chuva para um segmento do mercado discográfico. O termo “música brasileira popular” é ao mesmo tempo mais abrangente e mais preciso” incluindo o campo cultural étnico ligado a uma raiz popular e o campo da produção e consumo de massa (ULHÔA, 1999:65).

⁶ Radamés Gnattali transita entre os níveis culturais erudito e popular. Para exemplificar, Gnattali integra a coleção Mestres da MPB, uma coleção produzida em CD no ano de 1994, e é também compositor de música erudita.